



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS I – CAMPINA GRANDE

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE GRADUAÇÃO – HISTÓRIA

ALEXANDRE TEIXEIRA DO NASCIMENTO SILVA

UMA LEITURA LITERÁRIA DA REPÚBLICA: CORTIÇO E NEO-REALISMO

CAMPINA GRANDE – PB

2011

ALEXANDRE TEIXEIRA DO NASCIMENTO SILVA

UMA LEITURA LITERÁRIA DA REPÚBLICA: CORTIÇO E NEO-REALISMO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação de
História da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de licenciado em
História

Orientador (a): Manuela Aguiar Araújo
de Medeiros

CAMPINA GRANDE – PB

2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S586l Silva, Alexandre Teixeira do Nascimento.
Uma leitura literária da república [manuscrito]: cortiço e o neo-realismo /Alexandre Teixeira do Nascimento Silva. – 2011.
22 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Prof. Ma. Manuela Aguiar Araújo de Medeiros, Departamento de História”.

1. Literatura 2. República 3. Neo-Realismo I. Título.

21. ed. CDD 800

ALEXANDRE TEIXEIRA DO NASCIMENTO SILVA

UMA LEITURA LITERÁRIA DA REPÚBLICA: CORTIÇO E NEO-REALISMO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação de
História da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de licenciado em
História.

Aprovada em 28/11 /2011

Manuela Aguiar Araújo de Medeiros. - 9.0

Profª Ms. Manuela Aguiar Araújo de Medeiros / UEPB

Orientadora

Vanuza Souza Silva 9.0

Prof. Ms. Vanuza Souza Silva / UEPB

Examinador

Cleofas Lima Alves Jr. Freitas Júnior 9.0

Profª Ms. Cleofas Junior / UEPB

Examinadora

UMA LEITURA LITERÁRIA DA REPÚBLICA: CORTIÇO E NEO-REALISMO

SILVA, Alexandre¹

RESUMO:

A utilização da literatura como fonte de pesquisa historiográfica tem sido cada vez mais utilizada na produção acadêmica. Este estudo teve como objetivo abordar a obra *O Cortiço*, de Aluisio Azevedo em seus mais variados aspectos. Primeiro, partindo de uma contextualização literária da obra, e como o autor se propôs a escrevê-la, inserindo-a no tempo e no espaço, (Rio de Janeiro, 1890); guiado pelo estilo Naturalista para representar seu tempo presente, e as classes menos favorecidas deste período como: negros libertos, imigrantes e os pobres que residiam em habitações coletivas. Segundo, relacionar à obra e o momento histórico de sua produção, a transição do Império para a República e o contexto social, os problemas provocados pelas habitações coletivas; as epidemias; e as condições dos negros libertos e os desdobramentos dos conflitos sociais presente. Assim, o historiador e o literato utilizam da linguagem e da subjetividade para produzir o conhecimento, e nesta relação de interdisciplinaridade proporcionam discursivos possíveis, criando através do *Cortiço* um espaço do registro social.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, República, Neo-Realismo

¹ Graduado em Licenciatura em História pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: tns.teixeira@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Na produção histórica, o historiador se encontra em um emaranhado de fontes e dentre elas está a Literatura. Albuquerque Junior (2006) ao comentar essa relação faz menção sobre a possibilidade de não separar Literatura da história, mas articulá-la. Desta forma, a fonte literária será um ponto de partida no meu trabalho porque;

“cada escritor, a seu modo, em temporalidades distintas retratam a sociedade da qual fizeram/fazem parte e, fundamentalmente, através da ficção. Todos eles empregaram a memória como instrumento fundamental (NASCIMENTO, 2008 p.100)

O literato como um sujeito que escreve sobre sua época, assim como o historiador, será apresentado aqui no estudo da obra literária *O Cortiço*. E a partir desta escolha se faz necessário entender que na segunda metade do século XIX, no Brasil, o Romantismo entra em decadência, os escritores e poetas realistas começam a falar da realidade social do país. Com o Realismo surge também o Naturalismo diferenciando-se do primeiro pela ênfase na hereditariedade que influencia o comportamento, objetivando o aspecto social em ambientes na maioria das vezes miseráveis, das minorias. O autor da obra que será estudada, Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo publicou *O Cortiço* em 1890 e também foi autor de romances como: *O Mulato* (1881); *Memórias de um Condenado* (1802), *Casa de Pensão* (1884); *Filomena Borges* (1884); *O Homem* (1887); *O Coruja* (1890), entre outros. É importante destacar que suas obras partem da proposta do Naturalismo, de como indivíduo é determinado pelo ambiente.

O Cortiço representa uma importante obra literária que ao ser atribuído o caráter de fonte histórica – como sugere Francisco Alcides do Nascimento (2008) – revela a escrita do autor sobre a sociedade brasileira que no período de transição do Império para República estava passando por inúmeras transformações: abolição da escravatura; industrialização; concentração populacional em cortiços, entre outros. Na obra é possível perceber o Naturalismo de um modo geral, ou seja, o indivíduo é o tema central e está envolvido pelo meio. Este meio na produção de Azevedo é o cenário é promíscuo e insalubre e centra sua escrita no cruzamento das raças, a explosão da sexualidade, a violência e a exploração do homem. O naturalismo é expresso na interação entre terra e indivíduo:

naquela terra encharcada e fumegante (...) começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro e multiplicar-se como larvas no esterco (...) sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra (AZEVEDO, 2005 p. 22 e 34)

O contexto do processo de criação de Azevedo confere a possibilidade de atribuir dupla natureza do modelo artístico. Nesse sentido, a obra apresenta-se como um microcosmo da sociedade carioca, ao mesmo tempo que representa dramas que abalavam a sociedade contemporânea. As intenções do autor tem um caráter sociopolítico ao mesmo tempo em que faz descrições de cenas “animalescas”. Sua escrita é um produto dos debates sobre o romantismo e o realismo na literatura brasileira deste momento e o que escreve reflete a harmonia destes dois enunciados. Assim, segundo Sodré (1992, p. 192): “os acontecimentos artísticos são marcados pelo público e não pelo autor; pela aceitação e não pela invenção”. E desta forma, Aluizio de Azevedo foca os efeitos da transformação desta transição do Império para a República e isto será enfocada no presente trabalho.

RETRAMANDO O CORTIÇO A PARTIR DA LITERATURA

O ato da comunicação sempre fez parte da interação do homem com a sociedade e com o meio em que ele vive, através do principal elo de comunicação entre o emissor e o receptor, a linguagem, seja ela escrita, falada, gestual ou corporal. Ao comunicar-se, o ser humano toma posicionamento, narra, escreve, e por meio da linguagem como diz Foucault, “*restitui o tempo a si mesmo, pois ela é escrita e, como tal, vai se manter no tempo e manter o que diz no tempo*”. Desta forma, o historiador diante de sua produção narra os fatos, o cotidiano, a vida, abordando o tempo e o espaço. Por isso a história tem se alterado, tem buscado novas formas, meios e fontes de se produzir e/ou reproduzir. Modificando-se, atualiza também a sua própria produção historiográfica, por exemplo: a partir de 1929, com a Escola dos Annales, surgiu uma nova percepção para a produção historiográfica, a Nova História.

Peter Burke (1992), afirma que a Nova História é escrita como uma reação definida contra o modelo da História tradicional. Interessa à nova história a atividade humana, a formação de uma construção cultural sujeita a variação do tempo e do espaço, por exemplo: se a história tradicional se preocupava com a “história vista de cima”, ou seja, dos grandes homens, estadistas, fundamentadas em documentos, de forma objetiva, mostrando os fatos, preocupada com a veracidade para o leitor; a nova história possibilita a construção de uma “história vista de baixo”, ou seja, das classes marginalizadas, da cultura popular, fazendo o historiador observar o passado, condicionando a sua produção do tempo presente a respeitar as fronteiras de modo que o passado seja observado e analisado através de um olhar particular possibilitando o estudo do ser humano em sociedade por meio da oralidade, da memória... Tornando possível abordar até mesmo suas subjetividades. Como sugere Peter Burke, “*Nossas mentes não refletem diretamente a realidade. Só percebemos o mundo através de uma estrutura de convenções, esquemas e estereótipos, um entrelaçamento que varia de uma cultura para outra*”. (BURKE, 1992, p.15) Assim, abre-se um leque de possibilidade de fontes para a produção historiográfica, por exemplo: a infância, a morte, a literatura, entre outros.

Nesta possibilidade de estudar o ser humano como personagem ou objeto de estudo da história, fundamentada pela perspectiva da nova história, utilizaremos assim da Literatura como fonte de pesquisa; pois acreditamos que tanto a história como a

literatura narram o passado, as atividades humanas. Por surgirem na sociedade e para a sociedade a linguagem abordada em ambas não se desvincula da vida social. Já que, cada escritor, do seu modo, em temporalidades distintas, retrata a sociedade da qual fizeram/fazem parte, através da ficção utilizando da memória, da razão e dos sentimentos, da matéria e do sonho, da liberdade e da determinação, como afirma Albuquerque (2006) e Nascimento (2008). Desta forma, é preciso compreender como escritores literários ou historiadores estavam produzindo no final do século XIX e início do Século XX. Para assim entender como Aluísio Azevedo produziu sua obra mais consagrada - O Cortiço.

Durante a segunda metade do século XIX três grandes movimentos literários se desenvolveram: o Realismo, o Parnasianismo e o Naturalismo. Todos como forma reacionária ao Romantismo, embora utilizando ainda algumas características do mesmo.

Segundo Coutinho(2007), a década de 1870, foi marcada pela revolução das idéias, na qual, conduzia o homem a interessar-se e a devotar-se às coisas materiais; também pelo Darwinismo com a teoria da evolução; o crescimento do liberalismo no plano político e econômico, além das ideias do Positivismo de Augusto Comte, exaltando a ciência social e repelindo qualquer finalismo teológico ou metafísico, tudo isso influenciado desde o século XVIII pelo Iluminismo. Assim, os conceitos que balizaram os escritores do final do século XIX foram: culto da ciência e do progresso, evolucionismo, liberalismo, iluminismo, determinismo, positivismo, contra-espiritualismo e naturalismo.

Neste ambiente ideológico tão conturbado, Aluísio Azevedo, produz uma narrativa literária quase que historiográfica observando o contexto social através das injustiças sociais como a escravidão, a pobreza, as doenças de sua época e lança o livro o Cortiço em 1890. Em sua escrita, valoriza o coletivo, as classes marginais, como por exemplo, o homossexualismo feminino, além apresentar personagens extremamente capitalistas, mas acima de tudo, influenciados por seus “instintos”, dependentes do meio, ou da classe social. Personagens com características e peculiaridades próprias – João Romão(proprietário da estalagem) Miranda, Bertoleza(escrava), Florinda, D. Estela, Leandra (a machona), Marciana (mãe) de Augusta (carne mole). Ainda, Leocádia (a leviana), Paula (a bruxa), Florinda (filha virgem), D. Isabel (mãe de Pombinha(sem menstruação), Albino, Piedade, Velho Libório, Henrique, Velho Botelho, Firmo, Rita baiana e tantos outros – marcados por histórias particulares, mas

tão bem entrelaçadas formando a grande coletividade, a diversidade, a miscigenação da obra.

Azevedo utiliza do próprio povo brasileiro em especial do “carioca” do final do século XIX, para observar e poder produzir uma obra com características próprias de seu tempo. Como afirma Urbano Duarte e Coelho Neto que fazem uma análise crítica direcionada tanto ao autor quanto ao próprio livro - o Cortiço, em 1884 e 1905 respectivamente:

O Sr. Aluísio Azevedo possui o talento fundamental do romancista: é observador. Sabe ver e sabe dizer o que viu. Escolhe, colige, congrega fatos dispersos e isolados, depois fá-los convergir à unidade e a lógica do assunto de que trata – URBANO DUARTE. Casa de Pensão. In Gazeta Literária. Ano I n.º 16. Rio de Janeiro, 10 de agosto de 1884. (Apud Herberto Sales, 1973, p.48)

N’O Cortiço, por exemplo, não só as descrições do meio são de flagrante verdade, como as figuras são humanas, vivem, todos as conhecem, são nossas, do nosso tempo – COELHO NETO. Compêndio de Literatura Brasileira. Livraria Francisco Alves. Rio de Janeiro, 1905. (Apud Herberto Sales, 1973, p.40)

A crítica feita por estes escritores é de grande importância, pois, estão, não apenas exaltando ou valorizando as qualidades de Aluísio Azevedo, mas está também os registrando no tempo. Mostrando a importância deste escritor, dando ainda um caráter de realismo quanto ao modo de produção dele, legitimando a produção naturalista no final do século XIX. Se observado, as características conferida a Azevedo concretiza-se com a descrição feita durante toda a obra do Cortiço. Quatro grandes obras do Naturalismo marcam a produção literária de Aluísio Azevedo, são elas: O Mulato, Casa de Pensão, O Coruja e a principal que estamos estudando, O Cortiço. No entanto, se faz necessário ainda aprofundar um pouco mais como este autor tornou-se um dos mais importantes, se não o mais importante escritor do naturalismo, no Brasil. Assim, como entender o estilo naturalista?

Coutinho classifica o Naturalismo como uma teoria peculiar de cunho científico, com uma visão materialista do homem, da vida e da sociedade, acentuando as qualidades e fortalecendo o Realismo, através de um espírito de objetividade e imparcialidade científicas, fazendo com que: “*o naturalista introduza na literatura todos os assuntos e atividades do homem, inclusive os aspectos bestiais e repulsivos da*

vida, dando preferência às camadas mais baixas da sociedade” (COUTINHO, 2007, p.190). Quanto à produção do realismo-naturalismo, o autor ainda mostra o predomínio do personagem sobre o enredo, da caracterização sobre a ação, do retrato de indivíduos e da crônica de suas vidas sobre os incidentes, que por naturalidade decorrem das próprias motivações humanas.

Marcado pela valorização do coletivo e da análise da sociedade, o Naturalismo representa como o acontecimento é recriado a partir dos ideais de quem o escreve. No caso do romance *o Cortiço*, de Aluísio Azevedo, os personagens são tão importantes quanto o próprio cortiço, que pode ser percebido enquanto personagem “principal”, que integra as diferenças, as desigualdades sociais e, principalmente, a coletividade. Enquanto personagem, o cortiço, durante o romance, assume características humanas de nascer, acordar, de ter vida, de morrer. Alfredo BOSI (2006), ainda irá compara o cortiço: “*Existe o quadro: dele deriva as figuras*”. O cortiço é justamente este emaranhado de vidas que compõe um todo, o coletivo. Ele existe por causa das mais variadas histórias que seus personagens vivem e principalmente se entrecruzam, é através desta particularidade individual e ao mesmo tempo coletiva que o cortiço toma forma, toma contornos, de arte literária naturalista.

Assim, podemos perceber como a Literatura possibilita ao escritor um vasto campo de observação do seu momento, através de suas experiências de vida e do seu contexto histórico-social, apossando-se do tempo e do espaço, como sugere Foucault, para que a partir da escrita possa criar ou reproduzir sua obra. Diante desta mesma linha de pensamento, entre vida e reprodução dela, Coutinho afirma:

É verdade que a literatura parte dos fatos da vida ou os contém. Mas esses fatos não existem nela como tais, mas simplesmente como ponto de partida. A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as fôrmas que são os gêneros e com os quais ela toma corpo e nova realidade. (COUTINHO, 1978, p. 9)

Esta transfiguração da realidade pode ser entendida apenas como uma alteração, transformação, onde o escritor observa o seu contexto-social e o reproduz na escrita, não como o real, mas criando “laços” entre o seu momento histórico e o que se quer produzir. É importante salientar a dificuldade dos próprios literatos a exemplo de Afrânio Coutinho, Terry Eagleton, Paula Cristina, Roberto Acízelo, e tantos outros que

estudam ou estudaram literatura, para defini-la. Mas, o que é a literatura? Por definição, o termo literatura remete a uma pluralidade de conceitos complexos e por vezes ambíguos. Originalmente, esta palavra deriva do latim, *litteratura*, a partir de *litera*, que significa letra. De modo que é possível entendê-la em nosso contexto a partir do século XVIII. Literatura, como conjunto de obras escritas com valor artístico expresso através da palavra.

Desta forma, seria impossível abrangermos uma concepção pronta e acabada do que é a Literatura nos dias atuais. Cabe, também, debater com COUTINHO (1978), quando sugere que a literatura é uma arte que não tem a finalidade de informar, ensinar, doutrinar, documentar, mas que faz sem o devido intuito. De modo que esta concepção está intrínseca e faz parte da nossa análise, do nosso estudo em questão: Como a Literatura pode auxiliar na produção da História? Entender que a obra literária é aquela que fala de si própria, pode ser o primeiro passo, para uma produção histórica. Assim, guiados por EAGLETON (2006 p. 3) podemos entender que a obra literária utiliza de uma linguagem que chama atenção sobre si mesma e exhibe sua existência material. Como um fato material, cujo funcionamento pode ser analisado. Desta forma, se faz possível estudar a representação dos fatos, do cotidiano, da sociedade em determinada época ou período dentro de um contexto histórico-literário. Analisando ainda, a forma de escrever, o contexto social do autor, os acontecimentos históricos e suas mudanças, como a sociedade recebeu esta obra. Enfim, como sugere Chartier (2001, p. 91), nós devemos perceber a literatura como objeto possível ou necessário para a investigação histórica. Assim, o historiador ao analisar uma obra literária se coloca diante de um leque de possibilidades de estudos possíveis e estes são importantes, pois as obras literárias estão marcadas no tempo historiográfico, fazem parte da vida e da produção humana. Fazer da obra literária um objeto de estudo, um agente ativo na expansão do conhecimento. Ampliar nossos olhares do presente com nossas próprias subjetividades, inquietações e curiosidades para o passado respeitando o espaço-temporal da obra e do autor com o intuito de aprender e divulgar.

O historiador assim como o literato, ao narrar fatos vividos assume o compromisso e a responsabilidade não de reviver o passado ou presente, mas de projetar na narrativa marcas desse tempo. Marcas que poderão ser observadas, estudadas,

criticadas por outros que virão e que este tempo produzido não se apaga, mas fica memorizado ao narrar. Como sugere Foucault, no posicionamento das utopias:

São posicionamentos que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou inversa. É a própria sociedade aperfeiçoada ou é o inverso da sociedade, mas, de qualquer forma, essas utopias são espaços que fundamentalmente são essencialmente irreais (FOUCAULT 2001 p. 414-415)

Assim podemos perceber, ou estudar o cortiço a partir deste horizonte do real com o irreal, onde Aluísio Azevedo produz um espaço ficcional - de uma sociedade residente dentro da obra e tem características e semelhanças com a sociedade do Rio de Janeiro do final do século XIX. É a partir de seu subjetivismo, diante da sociedade de sua época que se faz possível produzir a narrativa do cortiço. Bosi, afirma que esta obra só se torna tão convincente, quando Aluísio:

Assumindo uma perspectiva do alto, de narrador onisciente, ele fazia distinção entre a vida dos que já venceram como João Romão, o senhor da pedreira e do cortiço, e a labuta dos humildes que se exaurem na faina da própria sobrevivência. (BOSI, 2006, p.190)

Desta forma, percebemos uma caracterização da sociedade e da época onde o negro, o europeu (imigrante) e o mulato se cruzaram na formação da sociedade brasileira durante vários séculos. Disputaram espaços; uns para crescerem, outros para sobreviverem em uma sociedade onde a desigualdade econômica, política e de raça foram tão marcadas.

Assim, entendemos certa proximidade entre a literatura e a história, pois assim como o literato manipula os fatos, os acontecimentos para que possa produzir, o historiador também o faz. Sabemos que não existe uma verdade única, toda produção requer subjetividades e um mesmo fato pode ser percebido por diversos ângulos. Terra (2002, p. 291), ao falar da manipulação dos fatos pelo literato vai afirmar: “*São as verdades humanas gerais, que traduzem antes um sentimento de experiência, uma compreensão e um julgamento das coisas humanas, um sentido da vida, e que fornecem um retrato vivo e insinuante da vida*”. Compreendemos a produção e a importância do Cortiço, a partir do momento que a entendemos enquanto uma narrativa do acontecimento. Desta forma, em determinados pontos da obra, o leitor “entra” dentro daquela sociedade inquieta e ruidosa e cria imagens/linguagens para o que se ler.

Visando uma abordagem de inclusão da percepção literária ao texto histórico, este trabalho teve a oportunidade de fazer falar à obra o Cortiço de Aluísio Azevedo. Tentado esclarecer três pontos: o primeiro, a possibilidade da interdisciplinaridade do trabalho conjunto da literatura para a produção historiográfica, fazendo com que ambas pudessem ter visibilidade e importância diante do exposto, deste artigo; segundo, o valor da obra literária, o momento de sua produção, o espaço, o tempo e como nós, historiadores, podemos estudá-la no dias atuais; por fim perceber a importância, tanto do historiador quanto do literato que utiliza os mesmos métodos para construir seu texto: a linguagem, a subjetividade e o prazer de registrar no tempo, marcas do seu tempo. Tal produção só poderá ser avaliada ou criticada, por outros que ainda virão e que definirão a qual corrente pertence, ou quais valores foram tomados ou deixados de lado na hora da produção. Assim tivemos o cuidado durante o estudo desta obra, de tentar, não mostrar o real, ou a finalidade do autor ao produzi-la, mas expor concepções, hipótese de o que teria levado Aluísio Azevedo a produzir o Cortiço.

Por fim, utilizando da obra literária como fonte histórica, rompemos as fronteiras entre as disciplinas, história e literatura criando um espaço discursivo, onde o auxílio da literatura na produção histórica fosse fundamental para que nós fizéssemos este encontro entre o passado e o presente. Partindo de nosso presente, e voltando ao presente de Aluísio Azevedo em 1890, reconhecemos seu lugar social, lugar de narrador, lugar daquele que interpreta seu tempo, e registra-o na escrita literária. Assim sendo, estamos como historiadores trabalhando com a diversidade, compreendendo melhor o contexto histórico, seja do autor ou da obra e deste modo reconhecendo o nosso próprio tempo, as dificuldades e as limitações da produção historiográfica.

ENQUANTO O CORTIÇO ACORDA, A SOCIEDADE SE TRANSFORMA

O século XIX foi para o Brasil um período de grandes efervescências em toda a sociedade que viu grandes fatos marcarem nossa história. A chegada da corte portuguesa em 1808, onde nosso país deixou de ser colônia e foi elevado à condição de Reino Unido de Portugal; o Primeiro Reinado com a Independência em 1822 e que durou até 1831; o período regencial com a abdicação de D. Pedro I, que durou até 1840; o Segundo Reinado – 1840 / 1889 e os fatos que marcaram o período de transição para a República. Ater-nos-emos a analisar a sociedade brasileira justamente neste final do século XIX e início do século XX, pois marca uma grande mudança social, cultural, política e econômica do “novo” País

Durante a transição do Império para a República a cidade do Rio de Janeiro, segundo José Murilo de Carvalho teve que absorver um grande contingente populacional advinda do êxodo do campo de negros livres, antigos escravos. Além de uma série de problemas como: o índice de população marginal e de imigrantes, um desequilíbrio entre sexos, baixa taxa de nupcialidade, alta taxa de nascimentos ilegítimos, de forma que exigia da nova república uma tomada atitude de forma preventiva para combater as consideradas “classes perigosas”, “classes pobres” formadas por:

(...) ladrões, prostitutas, malandros, desertores do Exército, da Marinha e dos navios estrangeiros, ciganos, ambulantes, trapeiros, criados, serventes de repartições públicas, ratoeiros, recebedores de bondes, engraxates, carroceiros, floristas, bicheiros, jogadores, receptadores, pivetes. E é claro, a figura tipicamente carioca do capoeira. (CARVALHO, 2009. p.18)

Com este forte impacto populacional o Rio de Janeiro se tornara a maior cidade do país com aproximadamente 500 mil habitantes além de ser capital política e econômica do Brasil. Passou a sofrer ainda mais com problemas de abastecimentos de água, saneamento e higiene, e principalmente com o grande problema da habitação.

Para Chalhoub (2006, p. 26) “*A proliferação dos cortiços na cidade do Rio se deu a partir das décadas de 1850 e 1860, e esteve ligada ao aumento do fluxo de imigrantes portugueses e ao aumento do número de alforrias*”. Para este autor, os espaços dos cortiços representam também um cenário de lutas e resistências, pois

serviam de asilos ou esconderijos para escravos fugidos. Acrescentando a este estudo, Carvalho ainda afirma que, cerca de 70% do capital financeiro, comercial, imobiliário como habitações coletivas – os cortiços - eram controladas por estrangeiros, mas principalmente pelos portugueses: “*o português era proprietário de quase toda esta cidade, principalmente da parte dela serve de abrigo às classes médias e proletárias*”. (CARVALHO, 2009, p. 79.)

Azevedo, através do romance *O Cortiço* mostra esta presença dos estrangeiros, portugueses, italianos e judeus, assim como apresenta o intuito destes em enriquecer no país. O exemplo mais claro é do português João Romão principal personagem e fundador do cortiço que logo construiu noventa e cinco casinhas e atingira mais de quatrocentas, ao final do romance. Também outro português, o Miranda, personagem de Azevedo, expõe sua clara intenção de ascensão, afirmando: “*o Brasil era uma cavalgada carregada de dinheiro cujas rédeas um homem fino empolgava facilmente; pensara fazer-se senhor do Brasil... imaginara talhado para grandes conquistas*” (AZEVEDO, 2005, p.23)

Diante da problemática das habitações, Azevedo torna sua obra emblemática por mostrar que o próprio personagem João Romão considera seu cortiço e os demais como pequenas repúblicas dentro de uma maior já que “*na mesma rua, germinava outro cortiço, o ‘Cabeça de Gato’... E João Romão, estalando de raiva, viu aquela nova república fazer-lhe concorrência*” (AZEVEDO, 2005 p.151)

Carvalho discute as realidades habitacionais e analisa também a própria obra de Azevedo. Ele vai afirmar que o cortiço constituía uma pequena república com vida própria, leis próprias, detentora da inabalável lealdade de seus cidadãos, apesar do autoritarismo do proprietário. Naquele espaço todos trabalhavam, divertiam, festejavam, fornicavam-se e se falava da vida alheia, brigava. Assim ele vai dizer que: “*Impedida de ser República, a cidade mantinha suas repúblicas, seus nódulos de participação social nos bairros, nas igrejas... nos cortiços.*” (CARVALHO 2009, p.163). Cada cortiço assumia desta forma, características próprias, gerando disputas entre moradores, entre lavadeiras, traições, e tomadas de partidos por estas pessoas que, ao se sentirem ameaçadas, se mobilizavam pelo bem comum do próprio cortiço. Tais características podem ser percebidas na obra de Azevedo.

Mal os carapicus sentiram a aproximação dos rivais, um grito de alarma ecoou por toda a estalagem... já não haviam portugueses ou brasileiros, havia um só partido, que ia ser atacado pelo partido contrário... os carapicus enchiam metade do cortiço... os cabeças de gato assomaram ao portão uns cem homens... Dez carapicus saíram de frente; dez cabeças de gato se alinharam de frente deles. (AZEVEDO, 2005, p.191 /192)

As ameaças ao cortiço poderiam vir de outros cortiços, como também da polícia. O fato da existência de outros cortiços é enfatizado por Carvalho (2009) a fim de mostrar a variedade cultural, a multiplicidade que esta transição representa na República. Assim, compara o cortiço de Azevedo e o grande “Cortiço Cabeça de Porco” que era composto de mais de 400 casinhas e foi destruído em 26 de janeiro de 1893 no Rio de Janeiro. Este fora considerado por Chalhoub, como o mais célebre cortiço carioca. E, segundo o autor, este espaço do cortiço é marcado por um aglomerado de pessoas indesejadas, à margem da sociedade e que por serem pobres se tornavam mal vistas pelas elites e parlamentares da época: *“os pobres carregam vícios, os vícios produzem os malfeitores, os malfeitores são perigosos à sociedade; juntando os extremos da cadeia temos a noção de que os pobres são, por definição, perigosos”*. (CHALHOUB, 2006 p.22)

Aluizio de Azevedo percebe este ambiente do cortiço como espaço do registro social, espaço onde as elites consideram como o “mal”, o “ruim”, onde a desgraça da sociedade está reunida, pobreza, miséria, ócio, violência, proliferação de doenças. E sua escrita se evidencia no projeto naturalista-realista do início do século de fazer uma literatura, segundo Albuquerque Junior fiel à descrição do meio. “Meio que se diferenciava cada vez mais e se tornava cada vez menos natural com o avanço das relações burguesas”. E, desta forma, “nossa literatura seria diferente da fria e decadente literatura européia, pela própria influência que o meio e a raça exerciam sobre nossa escritura e nossa psicologia” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2006 p. 53)

Diante deste conceito de produção, Aluizio de Azevedo passa a observar e analisar os agrupamentos humanos, a degradação das casas de pensão e sua exploração pelo imigrante, principalmente o português. Desta forma, foi capaz de produzir um romance “fiel” à descrição do meio, mostrando transformações no interior de cada personagem, por exemplo: a busca pela riqueza, o desejo pelo baronato e pelo desenvolvimento do cortiço, os quais provocam em João Romão mudanças comportamentais que o impulsionam a tomar atitudes desonestas para atingir suas

metas, como a falsificação do documento de alforria para enganar Bertoleza, em relação a sua liberdade; negligência com a morte do velho Libório no incêndio para poder roubar-lhe as economias, e a traição com Bertoleza - ao chamar seus antigos donos para restituir-lhe o cativo.

Como fala Albuquerque Junior, a história de João Romão se fundamenta nesta perspectiva do avanço natural mediante as relações burguesas, buscando a própria ascensão e a ampliação do cortiço enquanto ser que exprime vida própria; assim Azevedo descreve *O Cortiço* como um ser vivo que às cinco horas da manhã “acordava... *Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas*” (AZEVEDO, 2005, p.33); E que se comparava com os seres humanos e animais, com instintos e comportamentos especificados “*começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, daquele lameiro e multiplicar-se como larvas no esterco*” (AZEVEDO, 2005, p. 22)

Podemos assim, perceber como a escrita de Azevedo, marcado pelo naturalismo, apresenta o ser humano sujeito às influências do meio, da raça e do momento histórico dando destaque a uma literatura ligada ao movimento dos corpos, como por exemplo, o personagem Jerônimo que é escrito como o personagem brasileiro por transformação social. Assim como Bertoleza que, como escrava, não queria “meter-se” com outros negros ou escravos, mas com portugueses, pois este grupo representava segundo Azevedo, “homens de uma raça superior”. E assim, começa a elaborar em sua produção literária os conceitos de raça, superioridade do branco, inferioridade do negro.

Azevedo, em sua literatura do movimento dos corpos no período de transição, discute o comportamento carregado de preconceito e sensualidade. Como por exemplo, de Rita baiana, que é tratada como uma verdadeira representante da tropicalidade brasileira, através da sua alegria, atrevimento, auto-suficiência e o prazer que sentia em dançar e ser desejada. Ela é comparada à natureza tropical do país, a uma palmeira, para ele, virginal; a um sapoti, doce como um mel e à castanha do caju. Além da comparação com frutas, a comparação com animais também está presente: Rita é descrita como uma cobra verde traiçoeira, uma lagarta viçosa ou uma muriçoca doida. Estes adjetivos na sua literatura a colocam como atraente, cobiçada e que, com habilidades, enfrentava as dificuldades da vida e disputava com quem fosse aquilo de seu interesse. Assim, a descrição de sua personagem é deslumbrante e sedutora, pois ela representa o encanto da mulata baiana.

Rita havia parado em meio do pátio. E toda ela respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta, saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano, respondia para a direita e para a esquerda, pondo à mostra um fio de dentes claros e brilhantes que enriqueciam a sua fisionomia com um realce fascinador. (AZEVEDO, 2005, p.60)

Rita, embora mantendo um relacionamento conturbado com Firmo, o português Jerônimo se apaixona por ela, por este modelo de vida, de brasilidade, destacado por Azevedo, que tem a alegria de viver, de festejar diferentemente dele que chorava as saudades de sua terra, com melodias e musicalidades tristes em sua guitarra. A mulata passa a representar para ele, a ruptura, a transformação, o seu processo de naturalização neste país; de modo que envolvido pela beleza da baiana percebesse o Brasil não mais com seu olhar de estrangeiro. A partir daí, ele se deixa moldar pelo modelo de vida brasileiro, e quer viver, tomar café, parati, embriagar-se, tomando atitudes que não eram próprias dele. Por outro lado infere-se nesta contextualização a proposta de escrita de Azevedo daqueles que moravam nos cortiços e faziam parte das classes baixas. Por exemplo: como um povo que gostava de tomar parati (cachaça), de embriagar-se, da prostituição, da preguiça e conseqüentemente, das festas e das danças de tradições negras.

O Cortiço, de Azevedo pode ser percebido ainda em um cenário, promíscuo e insalubre, retratando o cruzamento das raças, a explosão da sexualidade, a violência e a exploração do homem. E como a proposta do naturalismo é apresentar a luta pela sobrevivência, a vitória dos mais fortes, mais aptos, Bertoleza é descrita como muito adaptada, vitoriosa, pois

“às quatro da madrugada estava aviando o café para os fregueses e depois preparando o almoço para os trabalhadores de uma pedreira que havia além do capinzal. Varria a casa, cozinhava, vendia no balcão. Fazia sua quitanda durante o dia no intervalo de outros serviços. E o demônio da mulher ainda encontrava tempo para lavar e consertar além da sua a roupa do seu homem” (AZEVEDO, 2005, p.11-12)

A personagem Bertoleza, se torna marcante na obra, primeiro por representar os escravos da sociedade. Segundo, por tentar retratar a realidade de tantos que como ela quisera ser livres. A crioula trintona, companheira cativa e fiel a João Romão, embora enganada por ele, quanto a sua carta de alforria que era falsa, entre lágrimas agradeceu ao amigo, e submissa entregou suas finanças, sua vida, sua força de trabalho, seu corpo e logo estava “amigada”. No entanto sua liberdade só foi conquistada ao custo do seu suicídio, no final do romance: “*de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado. E depois emborcou para frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue.*” (AZEVEDO, 2005 p. 242-243)

Para Costa, ao estudar os personagens escravos na literatura de Azevedo, mais precisamente o suicídio de Bertoleza, o escravo esteve desde os primórdios da colonização vinculados a Grande Lavoura e este representou a principal força de trabalho. No entanto, estes que proviam os lucros dos produtos tropicais sofriam muito com castigos e “*os mais usados eram a palmatória, o tronco, os vários tipos de chicote e açoites... marcados com ferro quente, condenados a morte*”. (COSTA, 1999, p. 292) Além de serem privados de sua liberdade. No entanto durante este período escravista, os escravos não foram passivos, resistiram a sua condição de escravos, das mais variadas formas, por exemplo, assassinando seus senhores e familiares, suicidando-se, comprando suas cartas de alforria, fugindo e formando Quilombos, através de rebeliões. Mas na segunda metade do século XIX, os escravos conquistaram através das leis suas liberdades

Como afirma Costa, a liberdade significava para os escravos a possibilidade de escolher com quem, quando e como trabalhar. E, principalmente, o direito de não fazer nada. Por isso mesmo há que se perceber uma mudança de paradigma quanto à aceitação da sociedade mediante aos novos integrantes livres. Para os abolicionistas e republicanos, este feito representava uma campanha verdadeiramente popular, conquistada. Embora tendo sido assinada pela princesa Isabel regente do trono português que assinara a Lei Áurea. O que causou constrangimento, pois, “*curiosamente, a partir da Lei Áurea foram os negros que acorreram em defesa pública da monarquia, pois os ex-escravos viam naquele regime, ou melhor, na família real os responsáveis pela libertação do cativo*” (MARTINS, 1997, p. 58). Para os republicanos, a queda da monarquia, viria a corrigir a união da igreja com o Estado, as

fraudes eleitorais, a centralização administrativa e principalmente o abuso de poder pessoal do imperador.

Uma monarquia que se apoiava na manutenção da mão-de-obra escrava, no catolicismo como religião oficial e na centralização do poder com participação de poucos, era incompatível com o Brasil que se anunciava: de população livre, defensor da liberdade de pensamento e em busca da descentralização e da mais ampla participação (MARTINS, 1997, p. 59)

Como lembra Martins, a transição do Império para a República poderia ser percebida por diferentes grupos, por exemplo: para o escravo, a liberdade; para os grupos médios urbanos, a possibilidade de ampliação do direito do cidadão; e para os detentores do poder econômico, a possibilidade de ter uma maior participação política de forma efetiva junto ao centro do poder. A queda do regime monarquista ainda pode ser percebida por outros fatores que serão citados, mas não aprofundados por não fazer parte do nosso foco de análise, por exemplo: resultava da insatisfação dos militares, do clero, além dos fazendeiros lesados pela abolição da escravatura. A monarquia já estava sofrendo com pressão do capitalismo industrial, da Inglaterra desejosa de mercados consumidores.

Outra grande dificuldade que acarretará grandes problemas, no modo de vida carioca e principalmente nos cortiços do período serão as doenças, as epidemias de varíola, febre amarela, malária, e tuberculose. Segundo Chalhoub (2009) de 1850 a 1920 foi o período em que se viu a saúde entrar em uma grande crise. E entre os causadores de tais doenças, principalmente os da febre amarela, que matava principalmente os imigrantes estavam os cortiços. Com um discurso cientificista da higiene intelectuais médicos indicaram os cortiços como:

focos de irradiação de epidemias, além de naturalmente, terrenos férteis para a propagação de vícios de todos os tipos (...) os cortiços e estalagens da corte, infeccionados como se acham por suas péssimas condições sanitárias é foco principal donde surgem epidemias e nascem afecções mórbidas em ameaça aos moradores (CHALHOUB, 2009 p. 29 e 53)

Chalhoub, afirma ainda que, entre 1849-50, cerca de 266 mil habitantes morreram de febre amarela. Assim, em 1855, foi criada a Junta Central de Higiene, para que juntamente com a Câmara Municipal da Corte, tomassem decisões relativas melhorias a saúde pública, e combatessem a proliferação das habitações coletivas.

Prezava-se pela qualidade das habitações populares, cobrando e obrigando os proprietários a construir residências que zelassem pela saúde dos moradores, coletas regulares de lixo, maior quantidade de latrinas, além da limpeza delas, calçamentos e janelas para facilitar a arejamento das moradias. À medida que o tempo passava as doenças avançavam e matavam cada vez mais pessoas e Azevedo vem ressaltar em sua obra os temas nacionais que eram interesses do público romanceando, assim, esses acontecimentos.

Assim, entre 1873 e 1876 morreram 3659 e 3476 pessoas respectivamente de febre amarela (CHALHOUB, 2009 p.86). Estes dados informam a necessidade urgente de erradicar os cortiços por estarem localizados na parte central da cidade e além de mancharem a imagem da mesma, fazia com que os europeus imigrantes deixassem de vir para o Brasil, dando uma reputação de cidade pestífera.

Para mudar tal situação em 1873 foi proibida a construção de novos cortiços na cidade, o que gerou um novo problema (CHALHOUB, 2009 p.34). Mas, como caracterizar ou identificar tal habitação como cortiço? As autoridades sanitárias passaram a utilizar este termo, para determinadas habitações coletivas, onde indivíduos de famílias diversas, constituindo unidades sociais independentes residissem na mesma propriedade, ou terreno.

Com o processo de erradicação dos cortiços em andamento, tanto Chalhoub quanto Carvalho, irá comentar a destruição do cortiço “Cabeça de Porco, em 1893”, este foi considerado um dos últimos e maiores cortiços, chegando a ter mais de quatrocentos moradores que foi demolido no Rio de Janeiro. Estas habitações passaram a ser alvo das brigadas sanitárias, que foram promovidas desde o império; com ascensão da nova República, tornara-se questão de reputação, de mostrar as melhorias feitas pelo novo sistema político e como esta mudança transformara a vida social, da capital do país.

Os alvos preferidos das visitas eram, naturalmente, as áreas mais pobres e de maior densidade demográfica. Casa de cômodos e cortiços, onde se comprimiam em cubículos e casinhas dezenas de pessoas, constituíam objeto de atenção especial (CARVALHO, 2009, p. 94)

Guiados pelos ideais positivistas do início do século XX, de ordem e progresso, para contrapor as especulações do romantismo e do idealismo do II império, os republicanos intensificaram ainda mais a luta pela limpeza e organização da cidade.

Com o intuito de abrir caminho ao progresso e a civilização, os higienistas consideravam os cortiços como espaços de hábitos condenáveis nas formas de morar, de vestir, de trabalhar, de se divertir, de curar etc. Azevedo exemplifica estes hábitos ao mostrar o comportamento das pessoas em passagens do cotidiano delas: “*Sentia-se, naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra*”. (AZEVEDO, 2005, p. 34 e 87).

Desta forma, percebemos a necessidade da elite da época em retirar os cortiços do centro da cidade. Como sugere Chalhoub, o episódio da destruição do cortiço Cabeça de Porco transformara-se num espetáculo marcado pelo embate definido quanto à gestão das diferenças sociais na cidade. Tais diferenças já marcadas pela pobreza; pela exclusão do direito de votar para os pobres, analfabetos, mulheres, mendigos, menores de idade e aos membros de ordens religiosas; e principalmente pelo preconceito e racismo contra os negros livres que eram percebidos como grupo que necessitava sair do centro da cidade. Mais que transformar o ambiente ou o centro da cidade era necessário tirar, afastar o negro desta área para que assim o Rio de Janeiro pudesse entrar de cheio no espírito francês da belle époque. Esta mudança do espaço físico para melhoramento das condições de moradia e de vida trazia consigo a questão da saúde, mas também o aumento do preconceito racial para com os negros. Pois, embora a liberdade tivesse sido alcançada no papel, ou seja, na lei; a liberdade, o respeito, a dignidade e o sentimento de igualdade, nem tão cedo surgiria diante daqueles que fora proprietários e exploradores dos negros escravos. Assim, Chalhoub afirmará que para a elite, se fazia necessário auxiliar a natureza nesta transformação, até mesmo um branqueamento da população: “*agora os brasileiros inventaram um racismo à sua feição: ao combater a febre amarela e negligenciar as doenças que flagelavam a população negra, os doutores procuravam mudar o ambiente com o intuito de auxiliar a natureza*” (CHALHOUB, 2009 p. 95)

Por outro lado, percebemos que Azevedo, em *O Cortiço*, não discute estas questões de higiene, pois ele quer retratar justamente o que eram os cortiços do ponto de vista das relações humanas. Em sua biografia no site da Academia de Letras, fica clara a preocupação, da sua produção literária de ser “fiel” ao meio. Foi observar estas habitações coletivas de sua época para produzir um romance, em um espaço mais

próximo possível do “real”, aproximando o momento histórico em questão, suas idéias, seus pensamentos. Optando por analisar as relações e os conflitos sociais nas classes mais pobres. Método de trabalho também realizado por outro realista famoso, Emile Zola ao mergulhar no recorte de mundo com o qual iria dialogar na sua escrita.

Transformando o espaço do cortiço, em um ambiente atrativo e desejo para a moradia de trabalhadores humildes, cria assim, a impressão de organização e desenvolvimento bem ao modelo positivista de ordem e progresso de sua época. O que se percebe de desorganização, de confusões, morte, assassinato é justamente por parte dos “moradores”, os próprios personagens. No entanto, esta comparação só aproxima a relação do cortiço com uma pequena república como afirma Azevedo 2005 p.151 e Carvalho 2009 p.39. Pois a República, não deixa de ser república, por conta dos inúmeros problemas que existem dentro de um país, mas respeita a coletividade. Assim, percebemos em João Romão, uma indefinição, uma dualidade, ora ele se apresenta como “Rei”, ora como um “Presidente”, dentro daquela pequena república. Visto que, toma atitudes centralizadoras de monarca, juiz, comandante militar, mas ao mesmo tempo ele mesmo considera o espaço do cortiço como república. Esta indefinição retrata talvez a própria intenção do autor em reproduzir a dificuldade social de perceber a transição do Império para a República verdadeiramente.

Carvalho ainda afirma, a prevenção republicana contra pobres e negros, nas habitações coletivas, estende-se também a presença do capoeira. Na obra de Azevedo, Firmo representa este capoeira que disputa o amor de Rita com o português Jerônimo. Firmo era o atual amante de Rita, com características bem definidas: mulato pachola, delgado de corpo, e ágil como um cabrito e com habilidade demonstrava seus intensos movimentos de capoeira. O autor ressalta ainda características de ambos, como forma de mostrar a disputa abrasada pela mulata baiana entre o português e o brasileiro, dentro do espaço do cortiço.

“O outro – franzino, um palmo mais baixo que o português, pernas e braços secos, agilidade de maracajá: era a força nervosa; era o arrebatamento que tudo desbarata no sobressalto do primeiro instante. Um, sólido e resistente; o outro, ligeiro e destemido; mas ambos corajosos. (AZEVEDO, 2005 p.125)

Aluizio de Azevedo ao escrever o romance, *O Cortiço*, extrai do seu contexto social a possibilidade de com sua escrita, mostrar acontecimentos tão marcantes nos

cortiços do Rio de Janeiro, no início da República. Construindo e possibilitando uma relação entre o nosso passado e o seu presente; fazendo de seu romance um retrato do social. Utilizando o que estava ao seu alcance: observar, o pensar e o escrever a literatura de sua época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência da produção historiográfica a partir da literatura foi muito valiosa na compreensão dos limites e das possibilidades em que cada disciplina ao se cruzarem permitiu serem contestadas e utilizadas neste artigo. Assim, a história rompeu com a “descrença”, na escrita literária percebendo que, ela também está contida em um contexto histórico limitada há um tempo e um espaço e produzida a partir das subjetividades de um narrador. Ao historiador, como sugere Albuquerque (2007, p. 152) cabe ser responsável pela seleção, recorte e elaboração de sua produção historiográfica, de modo a “*insuflar nova vida aos relatos que nos dizem o que era o passado, através do uso da imaginação, da nossa capacidade poética de retramar o que está tramado, redizer o que está dito, rever o que foi visto*”.

Visando por fim trabalhar a literatura como fonte da história, completamos um ciclo de estudo com a obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, que esteve presente na minha vida desde o vestibular para a entrada nesta Universidade, também como cumprimento da disciplina eletiva História e Literatura, e agora como Trabalho de conclusão de curso em Licenciatura em História.

Com o título: retramando o cortiço a partir da literatura, o nosso estudo se propôs a construir uma base, para o entendimento mais aprofundado desta relação que vem sendo discutida até o momento: a história e a literatura como “membros ativos” de uma produção acadêmica. Em um segundo momento, estudamos as relações sociais, as questões de higiene e moradia, enquanto a obra está sendo gestada, por este contexto histórico, o título: enquanto o cortiço acorda, a sociedade se transforma.

Assim, construímos a história à medida que expandimos nossos olhares em direção a novos horizontes. Guiados pela história, mas norteados por uma literatura capaz de criar e recriar as possibilidades de encontros possíveis. Relacionando o velho e o novo, o passado e o presente onde o próprio historiador ou literato se coloca na condição de autor, narrador ou escritor, utilizando da palavra, da escrita, da letra, “*litera*”, para sim expor também suas subjetividades.

ABSTRACT:

The use of literature as a source of historical research has been increasingly used in academic production. This study aimed to address the work of the cork, Aluisio Azevedo in its various aspects. First, from a literary background of the work, and how the author set out to write it, inserting it in time and space, (Rio de Janeiro, 1890), guided by his natural style to represent the present time, and lower classes of this period as free blacks, immigrants and poor people living in tenements. Second, relate to the work and the historical moment of its production, the transition from empire to republic and social context, the problems caused by tenements, epidemics, and the conditions of free blacks and the social consequences of this conflict. Thus, the historian and literary use of language and subjectivity to produce knowledge, and this relationship provides interdisciplinary discourse possible, by creating a space Slum social register.

KEYWORDS: Literature, Republic, Neo-Realism

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. 5. ed. Jaguará do Sul, SC: Avenida Gráfica e editora. 2005.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A hora da estrela: a relação entre a história e a literatura, uma questão de gênero?** Natal: 2006. 9p
- BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. **A África está em nós: História e cultura afro-brasileira**. João Pessoa: Grafset. 2004.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. – 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2009.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: Cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia das Letras. 1996.
- CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: ARTMED editora, 2001
- COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. 7. ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura uma introdução**. – 6. ed. São Paulo : Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, Michel (1926-1984). **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Organização e seleção de textos. Manoel Barros da Motta: tradução. Inês Autran Dourado Barbosa. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- MARTINS, Ana Luiza. **República um outro olhar**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- MARTINS, Ana Luiza. **O despertar da República**. São Paulo: Contexto, 2001.
- REIS, José Carlos. **Escola dos Annales: A inovação em História**. São Paulo: ed. PAZ E TERRA, 2000.

SALES, Herberto. **Para conhecer melhor Aluísio Azevedo**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1973.

TERRA, Ernani. **Português para o ensino médio: língua, literatura e produção de textos**. Vol. Único. São Paulo: Scipione, 2002

Sites Acessados

<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=101&sid=106>

Acessado em: 29 de junho de 2011 as 17h39min

<http://marcilohistoricizando.blogspot.com/2007/06/nova-histria.html>

Acessado em: 20 de julho de 2011 as 07h44min